



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

FRANCIELE DA SILVA OLIVEIRA

MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: Memórias e narrativas de mães
universitárias.

CASTANHAL
2022

FRANCIELE DA SILVA OLIVEIRA

MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: Memórias e narrativas de mães universitárias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: prof. Msc Adriano Sales dos Santos Silva.

CASTANHAL
2022

(Página destinada à inclusão da ficha catalográfica)

Acesse <http://bcficat.ufpa.br/> para gerar a ficha catalográfica

FRANCIELE DA SILVA OLIVEIRA

MATERNIDADE E VIDA

ACADÊMICA: Memórias e narrativas de mães universitárias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc Adriano Sales dos Santos Silva - Orientador
UFPA

Prof. Dra. Eula Regina Lima Nascimento
UFPA

Prof. Dra. Elisa de Nazaré Gomes Pereira
SEDUC-PA

Dedico este trabalho a ti, Pedro Isaac, meu filho amado, a minha fonte de inspiração, força e motivação diária. À minha família, em especial a meu pai Flávio Sérgio e minha mãe Cibele Pina. Vocês sempre serão o meu bem mais precioso. Essa conquista é nossa. Gratidão!

A meu querido Esposo Ari Felipe, meu companheiro, que me acompanha e me ajuda desde o cursinho pré-vestibular. Obrigada meu amor pelo apoio e incentivo nos momentos em que mais precisei.

E por fim, dedico à todas as mães universitárias.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é um momento único e emocionante para mim, é um momento no qual respiro fundo e sei que longo da escrita irei derramar lágrimas, pois somente essas lágrimas decifram o que estou sentindo e tudo que tive que enfrentar para chegar até aqui. Minha emoção é de alegria, alívio e sentimento de superação. Trilhar esse caminho tentando conciliar maternidade e estudos não foi nada fácil, por isso, preciso ser grata a todos que de certa forma, contribuíram para que esse tão almejado sonho fosse realizado.

Em primeiro lugar, agradeço e louvo a Deus pelo seu infinito amor e cuidado que tem por mim e por toda minha família, proporcionando saúde, sabedoria e momentos desafiadores, pois foi através desses desafios que me tornei uma mulher mais forte e confiante. Deus tem sido e sempre será o meu maior consolador durante essa caminhada tão árdua, e nos momentos mais difíceis sempre vejo suas mãos estendidas para me ajudar.

Sou infinitamente grata a meus Pais, as pessoas mais humildes, verdadeiras e amáveis que tenho em minha vida, a educação que herdei de vocês, não tem preço, por isso, meu desejo é sempre honra-los por todos os dias da minha vida. São vocês que sempre estão comigo nos momentos mais difíceis, os seus incentivos e conselhos foram um impulso para que eu não desistisse. Agradeço ao meu querido e amado avô Domingos Conceição, pois você é luz na minha vida, em sua voz eu encontro palavras de sabedoria, amor, cuidado e encorajamento, e desde então, desejo continuar vivendo muitos anos ao seu lado.

Agradeço ao meu amado esposo: Ari Felipe, por segurar em minha mão e ser meu companheiro de todos os dias, que me atura até nos momentos de estresse e ansiedade. Seu apoio foi essencial para essa conquista, uma vez que desde o cursinho pré-vestibular pude contar com sua ajuda para me levar até aos locais de estudo.

Sou grata à minha sogra Magnólia, e à minha cunhada Lynna Clara, pela imensa rede de apoio para cuidar do Pedro com todo carinho, cuidado e amor. Eu me sinto segura e mais tranquila quando estou estudando, pois sei que ele está sendo bem cuidado por vocês. Através da convivência, e cada gesto de empatia e gentileza, hoje percebo que ganhei uma segunda mãe e mais uma irmã, pois passei a amá-las como se tivessem o meu sangue. Eu sei que posso contar com vocês e vocês também podem contar comigo para o que for preciso. Sem a ajuda de vocês, certamente eu não conseguiria chegar até aqui. Gratidão por tudo.

Agradeço a meu orientador: prof. Msc Adriano Sales dos Santos Silva, que mesmo sem ter me conhecido antes, me cativou pela sua humildade e receptividade, foi acolhedor e de imediato não mediu esforços para me orientar. Foi através destas orientações e da proposta da pesquisa narrativa que repensei o que escrever, então optei por escrever sobre a minha própria história de vida, em especial o momento mais marcante dela, que foi a chegada do meu filho durante a minha formação na universidade. Obrigada por ser um professor compreensível e sensível, gratidão por todos os ensinamentos.

Sou grata a Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, em especial a todos os docentes e colaboradores que fazem parte dessa instituição. A referida universidade conta com docentes excelentes, que lutam diariamente por uma educação pública de qualidade. Vocês me inspiram a também ser uma professora compromissada com a educação.

Agradeço a turma do curso de pedagogia 2018.2, pelos momentos significativos, de troca de conhecimento e interação. Agradeço por me ajudarem nessa caminhada, pude sentir um imenso carinho quando a turma se reuniu para realizar um baby-chá surpresa para mim, fiquei surpresa e me emocionei, pois percebi o quanto precisamos ter um olhar sensível para quem está ao nosso redor. Cada gesto de empatia foi primordial, dado que me senti acolhida e mais motivada, e assim, tenho certeza que essa turma será de grandes profissionais da educação. Desejo sucesso para todos nessa nova jornada como pedagogos.

Agradeço em especial à minhas lindas colegas de turma: Karol, Jamily, Myrthia e Thaís, por estarem sempre comigo na realização dos trabalhos acadêmicos, obrigada por essa parceria que durou anos, e que foi permeada de respeito, risos e superação e muito aprendizado. Nessa etapa final do curso, tive o privilégio de me aproximar ainda mais de três colegas de turma e de estágio: Fernanda Rosiely, Hevelly Souza e Elizama Oeiras, que sempre estão dispostas a me ajudar, em relação à produção deste trabalho, a me aconselhar, motivar e partilhar experiências. Obrigada por tudo!

Agradeço à todas as mães universitárias que se disponibilizaram para participar dessa pesquisa, seus relatos de experiência precisam ser percebidos, valorizados e repensados pela sociedade em geral. Tenho certeza que suas histórias possuem significados especiais na vida de cada uma. E desde já, venho parabenizá-las pela força, coragem e resistência em continuar se superando a cada dia para conseguir conciliar maternidade e vida universitária.

Sou imensamente grata à educação pública, gratuita e laica, na qual trilhei todo o percurso escolar e acadêmico. Desse modo não poderia deixar de afirmar a sua importância e capacidade de transformar vidas, de emancipar, humanizar, libertar e instigar o pensamento crítico.

Por fim, preciso reconhecer que sou muito mais forte do que imaginava, muitas vezes pensei em desistir, mas ao mesmo tempo pensava, preciso tentar, preciso superar a mim mesma, retirar os pensamentos de incapacidade e plantar pensamentos positivos. Então sempre tive como base de meditação e esperança o versículo: “Deleita-te no Senhor e ele concederá o que deseja o teu coração” (Salmos 37: 4). Meu sonho como profissional sempre foi a docência, mas de antemão, nem imaginaria que seria um trajeto desafiador, mais penso que todos os obstáculos que foram ultrapassados, de certa forma foram necessários para a construção da minha identidade profissional e pessoal. Pretendo continuar investindo na educação, em capacitações e pesquisas diárias para que eu consiga marcar os meus alunos positivamente e dar o meu melhor para garantir um aprendizado significativo e humanizado.

Com essas singelas e humildes palavras, deixo a todos os que foram citados acima, o meu carinho, afeto, admiração e gratidão pela parceria durante essa trajetória. Que Deus ilumine e abençoe a vida de cada um de vocês.

“Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina”.

(FREIRE, 1982, p. 101)

RESUMO

O presente estudo e memorial de vida, por título “A maternidade experienciada no decorrer da vida acadêmica: Memórias e narrativas de mães universitárias” têm como objetivo geral investigar e compreender os principais desafios enfrentados por cinco mães universitárias na conciliação entre maternidade e vida acadêmica. Apoiada na pesquisa narrativa, o corpo do texto dialoga com as minhas experiências como mãe universitária, posto que me tornei mãe durante a graduação e foi por meio das minhas experiências que emergiu o entusiasmo para escrever sobre o tema. Os autores que contribuíram de forma significativa para o embasamento teórico da pesquisa foram: Elizabeth Batinder (1985), Nancy Chodorow (2002), Laura Gutman (2003), Márcia Neder (2016), Maria Tereza Maldonado (1996). Os resultados da pesquisa de campo, evidenciaram que essas mães experimentam uma grande sobrecarga advinda do acúmulo de responsabilidades impostas às mulheres, que por sua vez, precisam dar conta dos afazeres domésticos, trabalho e cuidados com o cônjuge e os filhos, o que gera cansaço e exaustão física, afetando o desempenho acadêmico. Através dos relatos fica evidenciado a falta de tempo para estudar em casa, a ausência da rede de apoio familiar e universitária, os desafios de locomoção, dificuldade financeira e os sentimentos de angústia e aflição das mães em ter que deixar os bebês com outras pessoas para conseguir continuar os estudos.

Palavras- chave: mães- universitárias, memórias, narrativas.

ABSTRACT

The present study and memorial of life, by title 'Maternity experienced throughout academic life: Memories and narratives of university mothers', has as general objective to investigate and understand the main challenges faced by five university mothers in reconciling motherhood and academic life. Supported by narrative research, the body of the text dialogues with my experiences as a university mother, since I became a mother during graduation and it was through my experiences that the enthusiasm to write on the subject emerged. The authors who contributed significantly to the theoretical basis of the research were: Elizabeth Batinder (1985), Nancy Chodorow (2002), Laura Gutman (2003), Márcia Neder (2016), Maria Tereza Maldonado (1996). The results of the field research showed that these mothers experience a great burden resulting from the accumulation of responsibilities imposed on women, who in turn need to account for household duties, work and care for their spouse and children, which generates tiredness and physical exhaustion, affecting academic performance. Through the reports, the lack of time to study at home, the absence of the family and university support network, the challenges of locomotion, financial difficulty and the feelings of anguish and distress of mothers in having to leave babies with other people to be able to continue their studies are evidenced.

KEYWORDS: mothers- university; memories; narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Caminhos da pesquisa.....	12
SEÇÃO I	
1- PERCURSO DE UMA IDENTIDADE.....	17
1.1 - Biografia de vida: reflexões no tocante ao contexto familiar e social.....	17
1.2 - Minha experiência com a maternidade.....	20
1.3 - A importância da Rede de apoio.....	25
1.4 - Os impactos no desenvolvimento acadêmico.....	26
1.5 - Aleitamento materno.....	29
SEÇÃO II	
RELATOS E MEMÓRIAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS.....	33
2.1- A descoberta da gravidez no percurso acadêmico e seus impactos.....	34
2.2- Os principais desafios de ser mãe universitária.....	35
2.3- Rede de apoio.....	37
2.4- Descrições do sentimento de ser mãe.....	39
2.5- Possíveis medidas de apoio das universidades.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	49

INTRODUÇÃO

A gravidez é uma experiência única e especial na vida de qualquer mulher, esteja ela em qualquer classe social ou se a gravidez foi planejada ou não. No entanto, a chegada de uma criança provoca grandes mudanças no cotidiano, tanto físicas quanto emocionais. Neste sentido, os desafios são diversos e nos levam a dedicar a maior parte do tempo para o bebê. Logo, surgem as interrogações: como será que vou conseguir conciliar carreira profissional, afazeres domésticos e as exigências da vida acadêmica com a maternidade? Será que devo desistir dos estudos?

Seria maravilhoso se a maternidade se limitasse a colocar em nossos braços o bebê rosado e feliz que sorri nas páginas das revistas e se nossa vida seguisse seu curso de uma maneira ainda mais plena do que antes. Porém, a realidade invisível de cada uma de nós costuma ser diferente. Não dispomos de palavras para nomear o que acontece conosco quando estamos com uma criança no colo. É uma mistura de angústia, alegria, perda de identidade, vontade de desaparecer, cansaço, orgulho, sonho e excitação. (GUTMAN, 2013, p. 11)

Atualmente a maternidade ainda é romantizada, no qual a sociedade considera apenas o belo, acredito que para muitas mulheres, essa fase é caracterizada como a realização de um sonho. Entretanto, para outras, é uma fase dolorosa, que pode desencadear inúmeros desafios a serem superados diariamente. Logo, se torna relevante investigar por intermédio da pesquisa narrativa, relatos e histórias de vida de mães universitárias, a fim de compreender sobre essa realidade tão presente na sociedade, e através dos resultados da pesquisa, será possível compreender quais os principais desafios enfrentados por essas mulheres na conciliação em ser mãe durante a graduação.

Todos nós temos mães, e como mulheres, temos o potencial para sermos mães; mas a maternidade é uma experiência que tem sido deformada, evitada, idealizada, degradada [...] precisamos entender como a cultura define e valora os papéis como o do guerreiro e da mãe; por que se construiu esta aura de glamour dos heróis enquanto a imagem da mãe é negligenciada, distorcida. (STEVENS, 2007, p.17.)

De acordo com o autor acima, é importante discutir sobre esse o tema maternidade, haja vista que a imagem de mulher e mãe idealizada pela sociedade precisa ser repensada e ressignificada. Segundo Chodorow (2002), ser mãe não se trata apenas da capacidade de dar luz a um filho, esta é uma missão que também se caracteriza pelo cuidado diário com o filho, ou seja, quebra a idéia de que mulher é só um “útero”, apenas com a finalidade de procriação, pelo contrário, a elas é imposto a criação, e a proteção de suas crianças, o que minimiza o papel dos homens em relação a paternidade, e historicamente sempre foi assim.

É sabido que a gravidez durante a escolarização é uma problemática que se perdura na sociedade há muito tempo atrás, e como resultado, pode gerar mudanças abruptas na vida da mulher, e logo sua rotina precisa mudar, pois a criança, principalmente nos primeiros meses de vida precisa ser amamentada. Além disso, precisa de um local acolhedor para descansar, e nem sempre as mães conseguem alguém para ficar com o filho.

Também cabe salientar que em certos casos a gestação pode ser de alto risco, exigindo que a grávida tenha mais repouso e determinados cuidados, o que leva a futura mãe a decidir se deve continuar estudando. Nesse contexto, deduz-se que se a mulher não possui uma rede de apoio médica, financeira e familiar, certamente a probabilidade de desistência ou trancamento de curso será maior.

No âmbito da universidade, muitas mulheres engravidam durante o processo de formação ou chegam grávidas, algumas são casadas, outras solteiras ou que estão iniciando a vida conjugal. Esse pode ser o também o início de grandes responsabilidades e demandas para a mulher realizar.

A escolha do referido tema de pesquisa, surgiu mediante a experiência pessoal, pois me tornei mãe ao longo da vida universitária. Relembrar os desafios que essa dádiva me proporcionou é muito significativo e uma oportunidade de refletir não apenas no tocante a minha realidade, mas a partir dos relatos de mães universitárias, compreender como se dá o processo de maternidade durante a graduação.

A situação problema da pesquisa é primordial para direcionar o pesquisador sobre qual será o foco de sua pesquisa, pois ao delimitar o tema, será possível desenvolver um trabalho com mais organização, para assim obter os resultados que se espera. Nesse sentido, ao observar as mães que estudam na Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus Castanhal e em instituições privadas, decidi além de narrar a minha história como mãe de primeira viagem, conhecer um pouco mais sobre as vivências dessas mulheres mães e os desdobramentos da maternidade no contexto acadêmico. Logo emerge a questão problema da pesquisa: Em que termos uma gravidez durante o período de graduação repercute sentidos e desafios em mulheres universitárias?

Sendo assim, o objetivo da pesquisa é Compreender os sentidos e desafios de uma gravidez vivenciados por mulheres estudantes que cursam a graduação em universidades públicas e privada em Castanhal. Desse modo, delineou-se para os objetivos específicos: i)

Autobiografar as experiências desafiadoras entre o processo de gestação, maternidade e a graduação; ii) Analisar sentidos que emergem do processo de conciliar a gestação e a maternidade com as obrigações da graduação.

A base teórica para a realização dessa pesquisa se desenvolverá com base em estudos e leituras bibliográficas, em artigos, teses, trabalhos de conclusão de curso e autores que abordam sobre a temática mulher e maternidade, como: Badinter (1985) que em seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno” discute sobre as relações vivenciadas pelas mulheres ao decorrer dos anos, e por sua vez, mostra que o amor materno não é simplesmente algo intrínseco ao feminismo. Outrossim, para maior fundamentação, me apoio nos estudos de Chodorow (2002), que em seu livro “A psicologia da gravidez” discute sobre diversos aspectos psicológicos que percorrem durante a gravidez, o parto e o puerpério, além de outros autores que por sua vez, servirão de apoio teórico para o andamento da pesquisa. Laura Gutman (2013), em seu livro: “Mulheres visíveis, mães invisíveis”, nos trás uma abordagem sobre o ser mulher e mãe, a relação afetiva entre mãe e filho, puerpério e o papel do pai em relação à criação dos filhos.

O referido tema de trabalho “Maternidade e vida acadêmica: memórias e narrativas de mães universitárias” foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de cunho narrativo, para que por meio dos relatos de experiência de mães universitárias, se torne possível compreender os principais sentidos e desafios ao conciliar maternidade e a vivência acadêmica.

Na dimensão de uma pesquisa narrativa:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados, assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria. (CUNHA, 1997. P. 187)

Logo, é inquestionável que poder escrever sobre a própria trajetória de vida, tanto pessoa, quanto universitária, desvela a possibilidade de refletir sobre como todas as vivências podem ser significantes para a formação humana e profissional. A pesquisa narrativa é motivadora, gera entusiasmo para escrever momentos significantes, e que hoje, podem ser lembrados de modo crítico sobre um olhar libertador.

Através dessa escolha de pesquisa, será possível ampliar o meu olhar de mundo ao buscar entender e refletir não apenas no tocante à minha realidade, mas ao considerar os relatos, memórias e vivências dessas mães mulheres universitárias.

Para melhor sapiência, (CLANDININ e CONNELLY. 2011. P. 75) salienta que:

A contribuição de uma pesquisa narrativa está mais no âmbito de apresentar uma nova percepção do sentido e relevância acerca do tópico de pesquisa, do que no de divulgar um conjunto de declarações teóricas que venham somar ao conhecimento da área. Ademais, muitos estudos narrativos são considerados importantes quando se tornam textos literários para serem lidos pelos outros, não tanto pelo conhecimento que abarcam, mas pelo teste vicário das possibilidades de vida que permitem aos leitores da pesquisa. Esse uso de pesquisa narrativa amplia a conexão educativa da vida, da literatura e do ensino.

Em conformidade ao que Cladinin e Connelly mencionam acima, compreende-se a pesquisa narrativa é uma nova perspectiva, no qual o seu foco principal não é exclusivamente na formalidade ou em contribuir com estudos para alguma área do conhecimento, mas visa especialmente que a leitura narrativa seja capaz de provocar reflexão no leitor e ampliar sua visão de mundo.

Em relação à pesquisa de campo, optei por efetivar entrevistas com perguntas abertas do tipo “conta-me agora”, a qual foi fundamental para que os sujeitos da pesquisa tivessem liberdade para dialogar com o entrevistador. A entrevista foi realizada com 3 (três) mães, discentes do Campus Universitário de Castanhal - Universidade Federal do Pará - UFPA, e 1 (uma) estudante universitária que estuda na Universidade da Amazônia - UNAMA, localizada na Cidade de Castanhal. Vale lembrar que o registro das narrativas foi feita por meio de gravações de áudios. As mães escolhidas para responder ao roteiro de entrevista foram: Cristal, Jade, Pérola e Rubi.

A escolha das primeiras 3 (três) mães citadas acima, surgiu devido a convivência em sala de aula, posto que apesar de não sermos tão próximas, acreditei que todas possuíssem experiências com a maternidade semelhantes à minha. Além das mães que estudam na Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, optei por também conhecer a história de Rubi, que estuda em uma instituição privada, que se mostrou entusiasmada para relatar suas vivências. Logo, foi possível compreender como se deu esse processo para cada uma, tanto as estudam na instituição pública, quanto a estuda na instituição privada.

Os dados da pesquisa serão organizados a partir de um processo de agrupamento de narrativas semelhantes, ou seja, uma síntese, na qual discorrerá percepções do entrevistador acerca dos relatos, outrossim, foi indispensável uma contextualização teórica com base em autores que poderão enriquecer a discussão. E por fim, recordo que os nomes das universitárias foram substituídos por pseudônimos.

As considerações iniciais do referido trabalho aqui finalizado visam discorrer sobre as minhas escolhas e aproximações com o tema da pesquisa, bem como as justificativas para a escolha do referido tema, os objetivos, elaboração do problema de pesquisa e o percurso metodológico para indicar a trajetória de constituição desta investigação.

Na primeira seção, venho relembrar momentos significativos da minha história de vida, contexto social e as vivências com a maternidade, a começar com a descoberta da gravidez, as complicações de parto e os impactos na vida acadêmica, além disso, nomear os principais desafios de conciliar todas as demandas da maternidade, estágio extracurricular e o processo de amamentação.

Na segunda seção, apresento as 4 (quatro) mães universitárias, na intenção de compreender como conseguem conciliar as demandas da maternidade durante a graduação. Portanto, apresento uma discussão a partir das narrativas das sujeitas da pesquisa, o meu olhar como mãe- universitária e contextualizar com reflexões e estudos de autores que abordam sobre a temática em questão.

SEÇÃO I: PERCURSO DE UMA IDENTIDADE

O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar da mesma maneira que um artista quando cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo. (LARROSA, 2002, p. 76)

Ao refletir sobre o que Larrosa salienta acima, penso que falar sobre si nem sempre é uma tarefa fácil, pois não somos acostumados a registrar os acontecimentos do cotidiano, é também uma oportunidade de autoavaliação para distinguir o que éramos, o que somos e no que queremos nos tornar. A cada dia nos deparamos com desafios que a vida nos impõe e nem sempre as recordações são de momentos bons, mas poder olhar para trás e ver quantas barreiras foram ultrapassadas gera uma sensação de resiliência, pois os momentos ruins são aqueles que mais nos ensinam e fortalece.

De acordo com Nóvoa (2010), o estudo das histórias de vida, bem como o método (auto) biográfico permite ao indivíduo repensar os processos de formação, e defende a ideia de que “ninguém forma ninguém”, levando-nos a assimilar que o indivíduo significa e escolhe a trajetória de sua própria formação, por intermédio de um trabalho de reflexão sobre o próprio percurso de vida. Nessa perspectiva, pode-se dizer que esse modelo de pesquisa possibilita ir mais longe na investigação e impulsiona o sujeito a se questionar sobre suas ações e conceitos, principalmente refletir sobre como as suas experiências podem estar interligadas com o processo formativo.

A princípio, nessa primeira sessão tenho a intenção de buscar nas memórias momentos marcantes da minha infância e refletir sobre o meio social no qual estou inserida, que de certa forma teve influência na minha formação escolar, acadêmica e pessoal. Para Dubar (2005), a busca pela construção de identidade está diretamente ligada ao contexto social, seja a partir de experiências em coletivo ou individual, nesse caso, cada indivíduo elege suas relações pessoais e profissionais conforme as interações sociais durante o percurso formador. É indispensável compartilhar sobre como se deu o processo de gestação, o parto e os desafios que aparecem diariamente na minha caminhada como mãe e estudante universitária e principalmente refletir sobre os sentidos dessa experiência como fato desafiador no cenário acadêmico.

1.1 - Biografia de vida: reflexões no tocante ao contexto familiar e social

Me chamo Franciele da Silva Oliveira, 25 anos, casada e mãe do Pedro Isaac da Silva Oliveira. Sou filha de Flávio Sérgio Corrêa da Silva e Cibele Pina Conceição. Nasci e fui criada na cidade de Castanhal, município do Estado do Pará em um bairro periférico da cidade. Considero que minha infância foi livre, no sentido de brincar na rua de diversas brincadeiras, como pega-pega, pula elástico, chuta litro, subir em árvores, entre outras brincadeiras. Posso afirmar que minha infância foi uma das melhores fases da minha vida, visto que pude aproveitar ao máximo a inocência de criança e brincar todos os dias, sozinha ou acompanhada.

Minha família sempre foi muito simples e humilde, meus pais começaram a vida conjugal morando com sogros paternos, logo depois foram para uma casinha de barro e aos poucos conseguiram construir uma casa de tijolos. Tive e ainda tenho um pai que se dedicava ao máximo para nos sustentar e colocar o pão de cada dia na mesa, além disso, uma mãe que cuidava de mim e dos meus outros dois irmãos com muito amor e carinho. Mas cresci presenciando brigas e desentendimentos entre os meus pais, devido a problemas no relacionamento. Durante as brigas costumada a ficar quietinha e muito assustada com todos aqueles episódios de violência verbal. E exatamente no meio dessa crise conjugal, minha mãe engravidou. Presenciei várias vezes ela chorando, mais não entendia o que fato estava acontecendo pois nessa época eu tinha apenas quatro anos de idade. De acordo com minha mãe, esta foi a fase mais difícil da vida dela, seu emocional ficou tão abalado que até pensou em tirar a própria vida.

Minha mãe, uma mulher de sorriso fácil, alegre e simpática, teve uma infância conturbada, com pais que na época eram alcóoltras, nesse caso, estava sempre em vulnerabilidade, em virtude que sempre haviam pessoas estranhas em sua casa consumindo drogas lícitas. Cabe recordar que as vezes faltava comida, em razão de que seus pais gastavam todo o dinheiro com o vício, e conseqüentemente, precisava faltar aula para trabalhava com sua irmã mais velha em uma plantação de acerola, realizando a colheita ou precisavam ser babá de outras crianças para garantir uma renda extra. Segundo Silva (2007, p. 3) “as populações atingem um alto grau de vulnerabilidade que não podem ter a capacidade de escolher ou negar aquilo que lhes é oferecido” em conformidade, Montenegro, 2011, p. 35 sublinha que:

A vulnerabilidade social, assim compreendida, pressupõe um conjunto de características, de recursos materiais ou simbólicos e de habilidades inerentes a indivíduos ou grupos, que podem ser insuficientes ou inadequados para o

aproveitamento das oportunidades disponíveis na sociedade. Assim, essa relação irá determinar maior ou menor grau de deteriorização de qualidade de vida.

Apesar do alto astral de minha mãe é perceptível em seus relatos as marcas de um passado triste, traumático e de negação de direitos. Vale frisar que ela estudou apenas até a terceira série do ensino fundamental, e explica que tinha dificuldades para aprender, e como resultado, sempre repetia de ano, até que com as más amizades e a falta de incentivo familiar, desistiu dos estudos, conheceu o meu pai, o seu primeiro namorado, e aos 14 anos teve o seu primeiro filho. Conforme Ferreira; Maturano (2002 P. 35- 44), a falta de acesso associada à negligência acerca da relevância da educação, bem como os problemas associados às culturas, trabalho infantil, drogas e a criminalidade, entre outros agravantes, fazem da família em certos casos, um fator de risco para o desenvolvimento integral da criança o que pode também afetar o desempenho escolar.

Meu pai, hoje em dia um homem íntegro, amoroso, responsável e temente a Deus, anos antes de meu nascimento foi um homem que já experimentou o mundo das drogas, ele sempre relata que em sua adolescência era muito tímido, porém era muito inteligente e conseguia boas notas em todas as matérias, sendo assim bem elogiado pelos professores. Todavia,, quando estava prestes a concluir o segundo ano do ensino médio conheceu as drogas, desta feita não conseguia mais se concentrar nas aulas, o número de ausências era grande, o que culminou no abandono dos estudos.

Decido falar sobre essas experiências, pois hoje reconheço que através do pensamento crítico e humanizador que a pedagogia me ensinou, posso dizer que o contexto social no qual o indivíduo está inserido, influência e interfere no processo de formação. Nesse cenário, Salpesa (2000, p. 34), discorre que “desde o nascimento até a morte, o homem sofre influências das pessoas, da sociedade, do mundo e reage a estas influencias de acordo com as raízes que lhes foram impressas ao longo de sua existência, pelas suas vivências e sentimentos”.

É lamentável presenciar essa realidade bem de perto e concluir que a educação de qualidade é dada apenas para uma minoria da sociedade o que resulta na negação de direitos e aumento da desigualdade social, na qual uma família inteira sofrerá pela ausência dessa educação.

Levando em conta o que foi recordado acima percebo que apesar de ser bem cuidada por meus pais, sempre havia tabus como sexualidade, gravidez, namoro entre outros assuntos pelos quais meus pais não se preocupavam em sentar e dialogar para então me orientar. Mas por outro lado entendo que essa postura é apenas reflexo da sociedade, baseada em princípios ligados á religiosidade, culturas e tradições que perpassam de geração em geração.

1.2 - Minha experiência com a maternidade

Aos 8 anos de idade, comecei a frequentar uma igreja com meus irmãos e outras crianças do bairro, para mim era um lugar atrativo, permeado de eventos para as crianças, com pipoca, bombons e brincadeiras. Além do mais, descobri que gostava de cantar, desde então buscava me envolver com a área da música, o que contribuiu para amenizar a timidez que por sua vez dificultava o diálogo e interação social. Do contrário, meus pais não frequentavam nenhuma religião, mas sempre me apoiavam em tudo, nesse sentido, fui crescendo dentro dos dogmas da igreja e seguindo todas as regras possíveis. E como resultado, sempre fui bem-vista pelos membros daquela denominação e até mesmo admirada por meus pais e parentes.

Após cerca de 10 anos frequentando aquela igreja meus pais também passaram a frequentar, e estavam cientes do meu namoro com um rapaz da igreja. Nesse caso, comecei a namorar com 16 anos de idade, lembro-me que ainda estava no primeiro ano do ensino médio quando comecei o romance. Namoramos aproximadamente seis anos e, em 2019, engravidei estando no terceiro semestre da faculdade de pedagogia. No meu pensamento ainda existia muito forte a questão de esperar o casamento para poder engravidar e por muito tempo resisti e evitei engravidar por conta dos princípios religiosos.

Apesar de estar namorando há muito tempo, engravidei na primeira tentativa e às vezes quando conto essa experiência, muitos ainda duvidam, dado que namorei muito tempo para então engravidar. Não queria aceitar nem acreditar que estava grávida e na minha ingenuidade acreditava que era impossível, apesar de ser um sonho desde criança, todavia, o que falava mais alto eram a pressão e a cobrança das pessoas que estavam ao meu redor. Em consequência, meu emocional ficou abalado, acreditava que não estava mais sendo um “exemplo” para a sociedade, ou seja, uma moça prudente, recatada, meiga, confiante e que se guardava para o casamento.

É possível perceber que a sociedade idealiza um modelo de mulher que deve seguir etapas e junto com esses pensamentos vem também o julgamento das pessoas, a rejeição, exclusão e os olhares de canto, ademais, ouvir muitas vezes as expressões: “Essa aí já ganhou o diploma dela”; “você não deveria ter dado motivos para as pessoas falarem de você”. Então posso dizer que foi um momento bem decisivo em minha vida e a melhor solução no momento era casar o mais rápido possível antes que a barriga crescesse para evitar ainda mais falatórios. Em vista disso, (BADINTER, 1985, P. 17) acentua que:

Não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus “deveres maternos”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. É certo que a antiga divisão sexual do trabalho pesou muito na atribuição das funções da maternidade à mulher, e que, até ontem esta se afigurava o mais puro produto da natureza.

E descoberta da gravidez revela que “as transições podem resultar de decisões e escolhas da pessoa e também de acontecimentos inesperados que independem de nossa vontade ou decisão” (BADINTER 1996. p. 25). Nesse caso, entrei em pânico porque não sabia que muita coisa ia mudar na minha vida, não apenas ia gerar um filho, mas a sociedade passaria a me olhar diferente. Hoje garanto e afirmo que o meu filho nunca foi um erro, pelo contrário, veio para agregar mais afeto, carinho, amor e momentos de alegria. Todavia, aquele contexto no qual estava inserida me fazia acreditar que a gravidez era indesejada e que o bebê iria chegar em um momento inoportuno. Logo, passou vários pensamentos na minha cabeça, o que me deixava muito sensível emocionalmente, acreditava que havia decepcionado meus pais e por esse motivo vivia chorando escondida.

Conforme (BADINTER, 1996. p. 33- 32) a gravidez por si só agrega na vida da mulher grandes mudanças, que podem resultar em ganhos ou perdas, além do mais surgem pensamentos contraditórios, nos quais as mães podem por vezes desejar a gravidez e por vezes se negar a aceitar. Para a nova mãe, a reação do parceiro e da família é de suma relevância, no sentido de acolhimento, não obstante, a repercussão e aceitação da gravidez irão depender do contexto familiar no qual a grávida está inserida, ou seja, se o bebê foi por muito tempo esperado, se foi apenas mais um e por esse motivo não há comemoração, se vai ocorrer preocupações devido à históricos de aborto, ou se o bebê é de fato indesejado, o que gera um abalo emocional intenso na futura mãe.

É comum surgirem sintomas tais como insônia, perda de apetite e de peso, agitação, taquicardia, estado de angústia, choro, depressão, apatia, e dores de estômago ou de cabeça. Esses sintomas costumam diminuir ou desaparecer ao fim de algumas

semanas quando a pessoa começa a vislumbrar alguma saída para essa situação de crise. (MALDONADO, 1996. P. 25)

Em consonância ao que foi destacado na citação de Maldonado, consigo relembrar que foram aproximadamente três meses de enjoos, dores no corpo e perda de peso. Mesmo com todas essas modificações no cotidiano, permanecia assídua nas aulas e sempre dizia para as minhas colegas de curso que agora tinha mais um motivo para não desistir. Neste sentido reconheço a força motivacional que o bebê transmitia para mim e não era mais viável dar importância ao que os outros pensavam sobre mim, o foco agora seria o sonho da formatura e essa conquista seria um ato de resistência e superação.

Com o impacto da revelação da gravidez, minha mãe teve mais resistência para aceitar, pois acredito que houve mais preocupação sobre o que os outros iriam falar e pensar sobre mim. Ao contrário, meu pai teve mais equilíbrio ao saber da notícia e de antemão me acolheu e disse que teria que conversar com o meu namorado para saber se ele iria assumir o bebê.

Após a conversa, meu namorado disse que assumiria a criança e que iríamos nos casar, até por que ele me amava e sempre desejou ter um filho. Portanto, embora a nossa relação fosse de altos e baixos, sempre fomos apaixonados e não conseguimos ficar longe um do outro. Casei em 31 de agosto de 2019 com aproximadamente três meses de grávida, apenas no cartório e, sinceramente foi um momento marcante, que deu origem a mais uma família, mas devido a essa gravidez inesperada tive que abortar o sonho de casar na igreja, com vestido de noiva, cerimônia e festa, dado que não tínhamos condições financeiras para custear a festa, então decidimos investir o pouco de dinheiro que tínhamos para o enxoval do bebê.

Minha gravidez fluía bem, pelo menos era o que o pré-natal indicava, então consegui realizar estágios obrigatórios da grade curricular do Curso de Pedagogia e frequentar as aulas até sete meses de gestação, quanto então fiquei de férias. Certo dia, estava participando da organização do I Encontro Municipal dos/das estudantes de Pedagogia realizado no Campus Universitário da Universidade Federal do Pará – UFPA, quando ao subir na rampa do Tapiri acabei tropeçando e caindo e, para não bater a barriga, coloquei toda a força do corpo no pé direito. Minhas amigas de turma estavam comigo tentando me acalmar, visto que estava em estado de choque, chorando muito e não conseguia me levantar.

O evento contava com o apoio de uma ambulância que rapidamente realizou os devidos procedimentos e me encaminhou para a Unidade de Pronto Atendimento – UPA da cidade. Apesar do susto, não foi nada grave, fiquei apenas sem andar durante dois dias e por conta desse episódio não consegui realizar uma atividade de intervenção em uma escola na qual o meu grupo estava responsável, todavia, a docente que ministrava a disciplina pediu para que eu ficasse em repouso e que realizasse outra forma de avaliação. Com esse acontecimento, pude perceber o acolhimento e compreensão dos professores da UFPA, a empatia e ajuda dos estudantes que estavam presentes durante o ocorrido e, pela primeira vez, senti medo de perder meu filho, assim fiz de tudo para que ele não se prejudicasse com a minha queda.

O parto estava previsto para 25 de fevereiro de 2020, mais no final dos sete meses de gestação, comecei a inchar a ter dores nas articulações do corpo, dessa maneira não conseguia mais dormir direito, devido ao desconforto. Quando completei exatamente oito meses de gestante, fui acometida de uma forte dor de cabeça com pontadas insuportáveis e ao chegar na UPA do município de Castanhal descobrir que a minha pressão arterial estava muito alterada e, entre as idas e vindas ao hospital, uma médica decidiu me encaminhar para uma avaliação na Santa Casa de Misericórdia em Belém e logo reservaram uma ambulância para realizar a locomoção.

Não tinha ideia do que estava acontecendo, nem do que iria acontecer, pois sempre fui uma menina ingênua, parecia tudo novo e inesperado, mas sempre estava depositando a confiança em Deus. Ao chegar à Santa Casa fiquei cerca de dois dias na sala vermelha onde monitoravam e tentavam controlar a pressão arterial das gestantes. Nesse quarto não havia camas nem cadeiras para o acompanhante e quando acordei durante a madrugada, procurei meu pai e ele estava dormindo no chão em baixo de minha cama, essa cena me comoveu e pude perceber o quão valioso é a rede de apoio familiar durante esse processo, não obstante, ao mesmo tempo me culpava por estar o fazendo passar por tudo aquilo.

No terceiro dia fui para outro quarto de internação, iniciei uma dieta para conseguir controlar a pressão, mas nada estava adiantando, nem mesmo as medicações. Sem resultados positivos, decidiram realizar o parto prematuro, devido ao sofrimento fetal, através da cirurgia cesariana. O bebê nasceu bem, mas no meu dia que retornei a Castanhal o bebê apresentou pintas vermelhas pelo corpo, imediatamente uma médica me encaminhou para Belém, afirmando que o bebê parecia estar com icterícia, devido a pele amarelada, então deveria

retornar ao hospital para tomar banho de luz. Com a notícia fiquei muito triste, posto que não queria retornar para o hospital e nem tinha condições de ir de van estando apenas um dia de operada, uma vez que esse meio de transporte costuma transitar em certos casos em alta velocidade. Foi então que um parente distante decidiu me levar em seu carro em uma noite bem chuvosa, fui contra a vontade dos meus pais, pois acreditavam que tudo iria ficar bem e que não precisava levar o bebê.

Ao chegar à Santa Casa, vários médicos avaliaram o bebê e disseram que demos viagem perdida, pois o recém-nascido estava bem. Nesse dia percebi que o sentimento de mãe estava crescendo em mim, ao ponto de fazer quase o impossível pelo bem-estar do filho e mesmo estando abalada emocionalmente, sem condições físicas para viajar, tive que ser forte para proteger e cuidar do meu filho. (BADINTER, 2011), situa que esse sentimento maternal pode existir ou não, que temos a opção de preferir o filho ou não, tudo depende da mãe, de sua história e da história, portanto, defende que o amor materno não é inerente às mulheres, mas adicional. Foi a partir dos desafios do dia a dia, dos sustos, das trocas de carinho e afeto que comecei a amá-lo, e quando relembro que no início o rejeitei e não queria aceitar uma gravidez que a meu ver iria atrapalhar minha trajetória pessoal e profissional, hoje garanto que foi a melhor escolha e apesar da responsabilidade que recai sobre mim, o amor que sinto por ele cresce cada dia mais.

A questão materna sempre esteve no coração, no centro da questão feminista. A maternidade seria o terreno por excelência da dominação masculina: gestação, parto, amamentação e criação dos filhos tiram as mulheres da própria vida, do espaço público e do trabalho, confinando-as ao mundo doméstico e impondo-lhes a dependência em relação ao homem. O cenário da submissão. (NEDER, 2016, p. 74).

através do pensamento de Neder citado acima, percebo que fui criada em um contexto no qual minha mãe sempre se contentou em ser do lar, pois sempre menciona que não conseguiu estudar e porque meu pai prefere que ela fique em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Nesse contexto, penso que não preciso reproduzir aquilo que minha família vive, porque meus pais sempre me incentivaram, principalmente minha mãe a não desistir dos estudos, pois quando ingressei na universidade coloquei em mente que não queria depender financeiramente de homem, mas devido à gravidez não planejada passei a depender.

Vale enfatizar que na maioria das vezes apesar da mulher trabalhar fora e estudar, não significa que deixa de se submissa, nesse caso, a única solução é tentar conciliar todas as responsabilidades e se por acaso a mulher não conseguir cumprir todos os afazeres domésticos,

certamente será cobrada pelo homem. Essa questão me faz refletir sobre o quanto ainda existe esse pensamento que apenas a mulher é a responsável pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, enquanto isso os homens desejam diariamente a serventia da mulher sem levar em consideração que nós mulheres também trabalhamos, estudamos e cuidamos dos nossos filhos, portanto, não temos super poderes mas seria um sonho se a sociedade desnaturalizasse esse tratamento que recebemos, principalmente por parte dos homens.

1.3 - A importância da rede de apoio

Pedro Isaac sofreu muito com dores de cólicas, o que me fez ficar três meses sem dormir direito, nesse período contei com a ajuda de minha sogra, minha cunhada e minha mãe que as vezes ficavam acordadas comigo tentando acalantar o bebê, um período cansativo, estressante e triste, pois era ruim ver meu filho com tanta dor e não conseguir fazer quase nada. Com o fim dessa fase, meu cabelo começou a cair em uma quantidade absurda, cheguei a pensar que iria ficar careca, e então tive que cortar mais curto, já que ficou ralo. Em consequência, minha autoestima ficou comprometida e passei a usar o cabelo sempre amarrado. Atualmente, estou passando pela transição capilar e recuperei praticamente todo o meu cabelo, mas o que mais me incomoda é o aumento de peso, depois da gravidez fiquei com mais de dez quilos comparados com o peso anterior à gestação.

Neste caso posso dizer que não tem um dia em que eu não pense: “Preciso emagrecer para que consiga ficar bem comigo mesma, até por que ainda sou nova”. Entretanto, devido à correria do dia a dia, em cozinhar, limpar, lavar, ir à faculdade, estagiar, cuidar do esposo e filho, muitas vezes, os cuidados com a alimentação e beleza deixo em último lugar. Há quem diga: “Essa daí depois que teve filho ficou desleixada”. Não entende, nem vivência todas as obrigações que preciso cumprir todos os dias.

Diante de tudo isso, declaro que a rede de apoio familiar foi fundamental na minha trajetória acadêmica. Os maiores incentivos sempre partiam dos meus familiares e em todas as ocasiões estavam aptos para me ajudar, sem falar do acolhimento, afeto e sensibilidade em reconhecer as minhas fragilidades e limitações.

Quanto à rede de apoio universitária, reconheço o incentivo e empatia dos discentes e docentes, no entanto, seria interessante mais projetos destinados a essa parcela de mulheres mães, no sentido de minimizar a sobrecarga da maternidade e seus impactos na vida acadêmica. No entanto compreendo que a universidade não conseguirá realizar muitas dessas

demandas se não houver o apoio do poder público. Portanto, se trata de ampliação de políticas públicas voltadas para mulheres estudantes.

1.4 - Os impactos no desenvolvimento acadêmico

A maternidade é uma mudança de vida radical. A mulher agora estará intimada a ser a responsável por um ser humano que é totalmente dependente para a higiene, alimentação, cuidado com a saúde, no vestir, no calçar e principalmente no educar para que através de uma boa educação, aquele ser cresça e se torne um cidadão de bem. Acredito que esse é o desejo de todas aquelas que se tornam mães.

Ao refletir sobre a minha experiência com maternidade - no contexto universitário - compreendo que foi um enorme desafio. Tive que escolher entre desistir e permanecer nessa luta diária, mesmo que às vezes venha os pensamentos de desistência, me indagava se conseguirei concluir esse Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Por vezes me sinto tão cansada e incapaz, mais penso: “O caminho mais difícil já foi percorrido e não será agora na etapa final que irei desistir”.

No início do Curso de Pedagogia na UFPA, me apresentei como uma menina animada que adorava fazer minhas colegas de turma sorrirem, por vezes demonstrava imaturidade sendo até mesmo e ingênua, sempre querida por todos. Quando engravidei me assustei com o salto de maturidade que se desenvolveu em mim, não fazia tantas brincadeiras como antes, media as palavras e, sobretudo passei a ter mais responsabilidade com relação aos trabalhos, não havia mais tempo para brincadeiras, sempre buscava adiantar a minha parte nos trabalhos em grupo para conseguir mais tempo ficar com o bebê e conseguir dar conta demandas cotidianas, sendo assim, o tempo passou a ser valioso.

Mesmo desse modo, percebo que meu desempenho poderia ser bem melhor na faculdade, claro que tudo depende da força de vontade de cada pessoa, mais com aquele turbilhão de mudanças e demandas, não conseguia de fato aprender muita coisa nas aulas, principalmente por não conseguir manter uma rotina de estudos e leituras. Além disso, gostaria de ter apresentado e publicado mais trabalhos durante o curso; de ter participado ainda mais como voluntária em Programas da Universidade; ter viajado para eventos fora da Faculdade, mas em escolher entre ficar em casa cuidando do filho e realizar os meus anseios sempre o ser mãe falava mais alto. Digamos que me sentia culpada se por acaso deixasse meu

filho pequeno durante muito tempo com outra pessoa, principalmente quando ele estava doente.

Badinter (1985) situa sobre esta imensa responsabilidade maternal que recai sobre as mulheres, como um peso que por sua vez é avaliado pela sociedade. E como consequência, na maioria das vezes revela um sentimento de culpa, visto que “como poderia uma mãe deixar de se sentir responsável e, portanto, culpada? Terá ela jamais dado o melhor de si?”. Portanto, este peso é bem menor se comparado à paternidade, pois se um homem negligencia o seu papel como pai ou decide apenas cuidar do financeiro e não participa dos cuidados diários que o bebê necessita este não será julgado da mesma medida em que uma mulher costuma ser.

O fato é que tudo fica muito dividido e às vezes surge a sensação de que não estou sendo uma boa estudante como deveria ser, nem a mãe que sempre sonhei em ser. Por outro lado penso que desistir dos estudos seria pior, pois mais tarde me sentiria mal por ser mais uma que desistiu. Destarte, optar pela maternidade, automaticamente aumenta o nível de responsabilidades da mulher, o que aponta o outro lado da maternidade, “feita de esgotamento, de frustração, de solidão e até mesmo de alienação com o seu cortejo de culpa” (BADINTER, 2011). Não obstante, mesmo com olheiras ocasionadas pelas noites mal dormidas, cansaço físico e mental, preciso aparentar ser forte.

Sem dúvidas, ratifico o amor que sinto pelo meu filho, engraçado que tenho a necessidade de reafirmar isto, pois parece que pelo simples fato de estudar e ter que sair de casa não estou sendo uma boa mãe, tão pouco uma excelente dona de casa perante a sociedade. Sobre isto, Mattar; Diniz (2012, p. 108), cita:

“A maternidade foi, e em alguma medida, segue sendo, uma identidade forçada das mulheres, já que com frequência, não tem controle sobre seus corpos. Soma o fato de que, ainda que haja uma mudança lenta em curso, no sentido de uma melhor e mais equilibrada divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, as últimas ainda são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, o que as mantém restritas à esfera doméstica, dependentes dos homens e do Estado”.

Diante desse contexto, (BADINTER, 2011, p. 168), salienta que tal conceito de mãe e mulher idealizado pela sociedade, necessita não apenas de “investimentos públicos significativos, mas também de uma profunda reforma feminista da sociedade, tanto das políticas públicas, quanto das empresas, e antes de tudo, dos próprios homens”. Em outras palavras é emergente que a mulher em si seja vista com mais sensibilidade, já que maternar não é uma tarefa fácil para aquelas que se dedicam ao máximo a essa missão.

Nós mulheres, conquistamos as ruas. A indústria e a entrada no século XX nos abriram as portas para entrar no âmbito do trabalho, às universidades, às profissões, ao dinheiro, à política, aos esportes e ao pensamento independente. Talvez as mulheres mais novas sintam isso como uma coisa natural, mas nós, as mulheres mais maduras, sabemos que é um merecimento histórico e tardio. Ao longo das últimas duas ou três gerações, fomos finalmente reconhecidas e apreciadas nesse lugar bem visível: o trabalho e o âmbito social. A partir daí começamos a existir. (GUTMAN, 2013, p. 76)

Conforme a discussão realizada por Laura Gutman, a mulher vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, entretanto, precisamos compreender que a gravidez aliada com todas as atribuições impostas as mulheres, a torna em certos casos impossibilitada de exercer outras ocupações fora de casa. E no caso da universidade, para conseguir estudar a mulher ainda possui muita desvantagem em comparação aos homens e a outras mulheres que ainda não se tornaram mães.

Nos primeiros semestres conseguia ficar até o final do término das aulas, mas depois que casei veio outras obrigações e com necessidades financeiras tive a necessidade de procurar um estágio remunerado, pois precisava de uma renda extra para ajudar meu esposo no aluguel da casa, além do mais, adquirir experiência na área da pedagogia. Foi uma decisão dolorosa, pois seria mais uma sobrecarga para mim e o que mais me angustiava era a idéia de que precisaria ficar mais tempo longe do bebê. Primeiramente tive que analisar se a minha família iria me apoiar nessa nova jornada, assim ficaria mais tranquila, sabendo que o bebê estava sendo bem cuidado.

Quando percebi que minha mãe, minha cunhada e minha sogra se disponibilizaram para cuidar do Pedro durante as minhas idas e vindas, fiquei mais aliviada e agradei a Deus. Senti um grande apoio familiar, principalmente por parte das mulheres. Se não fosse essa parceria certamente não conseguiria deixar o bebê com outra pessoa, principalmente por falta de confiança e porque não seria possível pagar uma babá e como consequência desistiria do curso.

Com o início do estágio, minha rotina ficou bem mais apertada, por depender de ônibus para voltar da faculdade e desde então precisava sair mais cedo das aulas para conseguir chegar a tempo em casa, pegar minha bike para seguir caminho ao estágio. Sei que isso não é o correto, mas a maioria dos professores entendiam a minha situação quando relatava que precisaria sair mais cedo. Todavia é evidente que essas situações iriam prejudicar o meu aprendizado.

1.5 - O aleitamento materno

Na sociedade atual é bem comum pessoas se surpreenderem ao presenciarem mães rejeitando seus filhos ou os criando de forma negligente, apartando-se do dever materno. Nesta sessão, venho com o intuito de realizar um breve contexto histórico para entender as possíveis modificações no que tange ao sentimento maternal e o processo de amamentação no decorrer dos anos.

Na minha condição de estudante universitária, um dos maiores desafios foi conciliar o processo de amamentação sendo que não conseguia retirar o leite materno para deixar em casa para o bebê e esta situação me deixava muito abalada. Assim, tive que introduzir leite em fórmula, antes dos 6 (seis) meses do pós-parto, para que assim ele não sentisse fome no período em que estava na faculdade.

A amamentação para mim sempre representou uma ligação forte com o bebê e mesmo que ele já consiga ingerir a maioria dos alimentos, continuo a amamentar. Agora com dois anos de idade ele mama apenas para dormir e ajuda bastante quando está doente, pois perde o apetite, fica apenas mamando.

Muitas pessoas, principalmente da família, me criticam e dizem que ele está muito grande para ainda estar mamando, entretanto não compreendem que além de nutri-lo com o leite é uma forma de carinho entre mãe e filho e independente do cansaço e sobrecarregada do dia a dia, esse é um dos momentos que consigo interagir e demonstrar um pouco do meu amor e carinho de mãe. Para muitas mulheres, o ato de amamentar é algo enfadonho e às vezes optam por não amamentarem seus filhos utilizando-se de variadas justificativas. Sobre essa questão Badinter (1985. p.65) afirma que:

As mulheres, como Madame de Talleyrand ou as netas do conselheiro Frossard, não estavam dispostas a sacrificar seu lugar e posto na Corte, ou simplesmente sua vida social e mundana, para criar os filhos. O primeiro ato dessa rejeição era a recusa do aleitamento. Para explicar esse ato antinatural, as mulheres dos meios abastados invocaram certo número de argumentos que tinham por finalidade menos justificar sua ação do que desculpar a sua inação. Outras, não obstante, dirão claramente as coisas, ou seja: isto me aborrece e tenho coisa melhor a fazer.

Badinter (1985) discorre que algumas mulheres do século XVIII se recusavam a amamentar, desse modo, situavam que a amamentação iria atrapalhar sua rotina, limitar seus prazeres sexuais e deixar seus seios caídos e moles. Os maridos também apoiavam esse pensamento, porque de acordo com a medicina da época, o esperma estragava o leite materno

e, ao invés de esperar o término do período de aleitamento, priorizavam os seus deleites sexuais. Nesse caso “as mulheres (e, portanto as famílias) que se acreditavam acima do vulgo, consideravam pouco digno amamentarem elas mesmas os filhos” (Badinter 1985, p. 96), com essa justificativa, optavam pela ama de leite, visto que amamentar equivalia a confessar que a mulher não pertencia alta sociedade.

Ao refletir sobre tal contexto, característico do século XVIII, (Badinter, p. 80- 90) aborda que era comum a banalização no cuidado com a saúde e integridade física das crianças devido a alta taxa de mortalidade infantil, logo, as mães tentavam não se apegar a criança, não havendo relação de afeto entre mãe e filho. As crianças serviam apenas como meros objetos a serviço dos adultos e se caso o infante viesse a óbito, os pais não sentiriam tão forte a dor da perda.

Diante do exposto, Percebo que a sociedade atual ainda reproduz essa ausência de sensibilidade em relação às crianças, principalmente aos recém-nascidos que precisam a todo o momento de alguém por perto para conseguir sobreviver e nem todas as mães conseguem repassar o afeto e os cuidados que o bebê necessita e esse comportamento advém do contexto social no qual a mulher está inserida.

Em contrapartida, me vejo como uma mãe que tenta repassar ao máximo afeto e amor para o filho, a começar pelos cuidados com a saúde. Em relação ao contexto universitário, esse processo de ligação entre mãe e filho se tornou um desafio, por isso me vi em desespero em ter que conciliar o tempo de estudo com as demandas de mãe. Em certos casos optei por me ausentar das aulas, pois ficaria com peso na consciência ao deixar meu filho doente sob os cuidados de outra pessoa.

Gutiman, (2013), discute que todos nós seres humanos somos mamíferos, haja vista que temos mamas e a mulher em específico foi desenhada para a função de nutrir por meio do ato de amamentar. Em meio a tantos dizeres da atualidade sobre como as mulheres devem amamentar, esquecemos que as mulheres amamentam com simplicidade desde o início dos tempos, tornando-se natural dentre diversas culturas. “A verdade é que a lactância é fundamentalmente contato, conexão, abraços, silêncio, intimidade, amor, doçura, repouso, permanência, sonho, noite, solidão, fantasia, sensibilidade corpo e intuição” Gutiman, (2013, p. 19). A naturalidade da amamentação se torna algo automático, que por vezes esquecemos

que estamos amamentando, sem perceber que nosso corpo perde energia para produzir leite diariamente.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) defende que o aleitamento materno deve ser exclusivo até que o bebê complete seis meses de vida, reduzindo assim, a quantidade de enfermidade infantil, além do mais, assegura que mulheres que optam pela amamentação possuem menos risco de adquirir câncer de mama e no ovário. Em contrapartida, a lei nº 6.202, em vigor a partir de 17 de abril de 1975, garante às mães universitárias apenas três meses de auxílio domiciliar, a começar pelo oitavo mês de gestação.

Ao analisar o que as leis prometem e o que a OMS defende, vejo que ocorrem visões contraditórias, considerando minha demanda diária, vejo que não existem condições financeiras para se deslocar com o bebê, muito menos de infraestrutura na universidade para que consiga levar meu filho e amamentá-lo adequadamente. Ainda em relação à amamentação, GUTMAN, (2013, p. 20), discorre que:

Para dar de mamar, a mãe precisa estar disposta a perder toda a autonomia e liberdade, liberdade e tempo para ela própria. Essa é uma decisão. Na medida em que optam por uma modalidade, perdem as vantagens da outra. Falando de outra maneira: se a mãe for muito apegada à sua liberdade pessoal, provavelmente a criança terá de se conformar com outros alimentos, porque mãe e filho não encontrarão conforto ou paz na lactância. No entanto, se decidir dar prioridade à lactância perderá a liberdade e a própria vida. As duas situações, lactância e liberdade, não são compatíveis. Ninguém pode determinar o que cada um deve fazer. Mas é um fato importante que saibamos o que ganhamos e o que perdemos em cada escolha.

Não se trata apenas de uma simples decisão ou escolha a mulher é condicionada historicamente a não ter ambições para possuir uma profissão e liberdades individuais, pois quando se tornam mães, dedicam a vida para o filho, sempre colocando-o em primeiro lugar. Por isso, Simone Beauvoir contesta que a mulher “não nasce, torna-se”. No caso das mulheres-mães, é nas interações com os filhos que as manifestações de afeto afloram e, seria injusto afirmar, que nós mães-universitárias estamos sendo cruéis ao deixarmos os nossos bebês com outra pessoa para simplesmente garantir mais de voz e espaço na sociedade.

O ato de cuidar está diretamente vinculado às mulheres, a sobrecarga se torna grande quando a mulher não possui uma rede de apoio familiar ou paternal. Sobre isto (ZANELLO, 2016, p. 114) salienta:

[...] Ainda que uma mulher não tenha seus próprios filhos, ela é vista como naturalmente cuidadora (capaz de “maternar”), podendo e devendo empregar esse “dom” no cuidado de outras pessoas: dois pais, irmãos, sobrinhos, doentes da família

etc. Além disso, esse “cuidado” se desdobra em uma naturalização dos cuidados domésticos, cabendo a elas também, em grande parte, até hoje, os serviços de casa. Uma mulher que não priorize o cuidado com os outros (filhos, marido, família), geralmente é julgada como egoísta, fálca e outros termos, que no uso adquirem um caráter pejorativo.

Hays (1998) comenta que existe uma ideologia da maternidade, no qual a mulher precisa dedicar à maioria do seu tempo, energia e dinheiro na criação dos filhos e questiona a mentalidade da sociedade atual uma vez que a presença de mulheres-mães também precisam trabalhar fora. Ainda assim, a sociedade pressiona e julga as mulheres que precisam conciliar o ser mãe com outras atividades fora de casa. Esse questionamento me leva a refletir sobre a minha condição de mãe estudante, às vezes parece que a sociedade condiciona a mulher apenas ao papel de mãe, posto que cheguei a ouvir comentários do tipo: “Agora você vai ter que trancar a faculdade, certo?”; “Você ainda faz faculdade, pensei que já tinha desistido?”

À vista de tudo que foi abordado nessa seção, reconheço por intermédio das minhas experiências, a imensa dificuldade na conciliação da maternidade e vida acadêmica, e diante disso, considero necessário um olhar mais sensível para que essas mães, já que a universidade fala em emancipação deve criar subsídios para que as graduandas permaneçam estudando, sem ter que decidir entre priorizar maternidade ou graduação, mas que ambas as partes sejam beneficiadas, contribuindo para que a estudante não seja prejudicada nos estudos, nem na vida pessoal. Foi perceptível que além das demandas acadêmicas e maternas, as mulheres podem possuir outras responsabilidades, como no meu caso, os afazeres domésticos e estágio extra-curricular, o que pode estreitar a relação mãe e filho. Na seção abaixo, apresento narrativas de 5 (cinco) mães universitárias por meio das entrevistas com perguntas abertas, com o propósito de analisar e entender os desafios vivenciados por cada uma na conciliação em ser mãe, mulher e estudante.

SEÇÃO II: RELATOS E MEMÓRIAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

Em primeiro lugar, o que eu queria dizer é o seguinte: Para mim, o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista. O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, um estabelecimento que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas moradores de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras de escolas e assim por diante. (Brandão, 2007, p. 12)

Nessa seção, analiso as narrativas de mães universitárias que se entusiasmaram para contribuir com a referida pesquisa, sendo que a maioria delas agradeceram a oportunidade de poder se expressar e relatar sobre suas vivências com a maternidade. Este momento de inserção e análise das falas é enriquecedor, pois propicia a descrição de memórias a partir das diferentes realidades. Outrossim, permite a integração de fundamentos teóricos e influências de conceitos discutidos ao longo do texto.

A tabela abaixo apresenta o perfil de cinco mães que vivenciaram a maternidade durante a trajetória acadêmica. Nela é possível observar que essas mães possuem idades que variam de 20 a 35 anos, mulheres que são “mães de primeira viagem” e outras que vivenciaram outras gestações antes de ingressar no ensino superior. É importante frisar que a maioria das sujeitas da pesquisa são estudantes da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, com exceção de Rubi que estuda em uma universidade privada, também localizada na cidade de Castanhal.

MÃES	NOME	IDADE	CURSO	FILHOS	ESTADO CIVIL	COR/ RAÇA
11	RUBI	20	DIREITO	2	UNIÃO ESTÁVEL	PARDA
22	CRISTAL	23	EDUCAÇÃO FÍSICA	1	CASADA	PARDA
33	PÉROLA	34	PEDAGOGIA	3	CASADA	PARDA
44	JADE	23	PEDAGOGIA	1	CASADA	NEGRA
55	SAFIRA	35	PEDAGOGIA	3	CASADA	PARDA

Fonte: Pesquisa de campo, outubro, 2022.

Verifica-se que a maioria das mulheres citadas acima são casadas ou vivem em uma união estável e trazem consigo características semelhantes ao se identificarem como pardas ou negras.

O nome das participantes foi uma inspiração encontrada em pedras preciosas para demonstrar que cada mãe aqui representada tem o seu devido valor, brilho, beleza e fragilidades, e por isso, merecem o direito a fala, de expor suas memórias, anseios e desafios diários ao tentarem conciliar a universidade com o ser mãe.

2.1 - A descoberta da gravidez no percurso acadêmico e seus impactos

Com base na minha experiência refletida na seção I, reafirmo que a descoberta da gravidez durante o percurso de estudos não foi nada fácil, o que afetou meu emocional, autoestima e toda a minha rotina. Então resolvi questionar essas mães para compreender como experimentaram essa primeira etapa da gestação. Diante dessa inquietação Rubi, Cristal e Jade revelam que:

Foi desesperador, porque estava entrando no terceiro semestre e já tinha outra criança pequena com menos de dois anos de idade. Tudo era bem complicado, muita correria para ir deixá-la na minha sogra e voltar para faculdade, tanto que tinha que esperar ela dormir para conseguir estudar e quando descobri outra gravidez fiquei ainda mais desesperada, pensando como será que vou conseguir conciliar. Fiquei muito triste principalmente durante os três primeiros meses, chorava horrores e pensei muitas vezes trancar a faculdade (RUBI).

Foi um desespero. Ainda estávamos em uma pandemia, foi um misto de emoções, eu pensei: meu Deus como vou conseguir conciliar. [...]achei que não ia dar conta, que teria que trancar o curso, até por que meu pós-operatório foi muito doloroso, sentia muitas dores, mas aí tive que enfrentar a correria diária. (CRISTAL).

No primeiro momento fiquei medo, foi muito difícil, fiquei pensando se iria mesmo conseguir concluir minha faculdade, se teria que desistir. Sem falar que teria que conciliar casa, família e se casar, porque até aquele momento era solteira e teria que casar. (JADE).

Ao observar os relatos de Rubi e Cristal, compreendo que a descoberta da gravidez é muito mais impactante do que se imagina e mesmo que para muitas mulheres essa descoberta seja comemorativa, para boa parte das mulheres que estudam essa fase é de desespero e desequilíbrio emocional, pois a partir daquele momento a maternidade poderá afetar o seu desempenho acadêmico e até mesmo gerar um trancamento de curso.

É compreensível que nesse primeiro momento, as reações sejam de fragilidade e de pensamentos de incapacidade, medo e desespero. Conforme Winnicott, (1986b, pp. 51- 52), “no início essas mudanças são quase fisiológicas e começam com a sustentação do bebê no útero e sem dúvidas as mudanças fisiológicas sensibilizam a mulher para as mudanças psicológicas mais sutis que existem”. No começo da gestação é normal que ocorra uma preocupação materna primária por boa parte das mulheres que, de acordo com o autor, tal

preocupação psíquica é tida como um mecanismo de adaptação e aceitação do papel, exclusivamente materno, no cuidado infantil. No entanto “retornam ao seu estado ao seu estado normal nas semanas e meses que se seguem ao processo de nascimento”. (p. 30). Portanto a gravidez se torna uma condição determinante para o surgimento e capacidade de adaptação às necessidades do bebê.

A fala de Jade revela uma semelhança com a minha história, e sem dúvidas, juntamente com essa notícia surge o medo de ser apontada por desistir dos estudos pelo fato de ter engravidado. Agora a mocinha que outrora residia com os pais e que nos afazeres diários obtinha a ajuda da família, agora depois de casada precisará dar conta de todas as obrigações de uma dona de casa para manter tudo organizado. Todos os dias a mulher lava, cozinha, limpa, organizar, vai para a faculdade, estuda em casa quando é possível e sempre está cuidando do filho. Portanto, encarar essa nova rotina para muitas é um obstáculo e como Cristal afirma, é nesse momento que a mulher precisa decidir se irá ficar apenas em casa cumprindo seus deveres de mãe, esposa e dona de casa ou se enfrenta a correria diária para tentar conciliar os estudos á todas essas outras responsabilidades.

2.2 - Os principais desafios em ser mãe universitária

Ser mãe universitária é uma condição desafiadora, dado que exige muita disposição e rapidez para conseguir realizar todas as necessidades do nosso cotidiano. O nascimento de um filho requer muita dedicação e tempo, o que pode suprimir o tempo que outrora era reservado para os estudos. Mesmo diante dessa situação, as mães- universitárias precisam persistir na caminhada acadêmica, mesmo que a correria e sobrecarga de obrigações comprometam o seu desempenho acadêmico. Dentre diversos desafios, Rubi e Jade demarcaram os principais desafios em suas trajetórias:

O mais difícil foi estudar sem ser na faculdade, [...] acho que com a correria de ser mãe, dona de casa e esposa, acaba não dando tempo de estudar, muitas vezes eu o espero o bebê dormir para conseguir estudar, desse jeito fica muito complicado ter disciplina de estudo (RUBI).

É um desafio a ser vencido a cada dia [...] no período remoto foi um desafio bem grande, digamos que aprendi poucas coisas, porque ao mesmo tempo que tentava escutar as aulas tinha que atender o bebê que as vezes chorava. [...] muitas vezes durmo mais cedo para acordar de madrugada e poder estudar, [...] porque de dia não consigo conciliar, porque é ser mãe, universitária, empreendedora e dona de casa” (JADE)

Rubi e Jade afirmam que um dos maiores desafios é a rotina de estudos e pesquisas, tal como o aprofundamento nas leituras que se tornam menores devido ao cansaço da rotina como mãe. Desse modo, tanto Jade como Rubi precisam acordar de madrugada ou esperar o bebê dormir para conseguir estudar em casa e realizar os trabalhos solicitados pela faculdade.

Para Émile Devienne, 2007, citado por Batinder, (2011), a maternidade não pode ser constituída como resultado do amor, ou uma experiência ou uma filosofia de vida, é imprescindível entender que ela é um dever que nos impomos diariamente. Assim, temos a opção de assumi-la ou nos abstermos dela. Diante disso e, ao sondar os relatos, percebo que estas mães decidem priorizar os filhos, visto que primeiramente a mãe precisa alimentar, vestir, calçar, fazer dormir para que consiga tempo para estudar, tendo em vista que para a sociedade e família o fato de priorizar os estudos e deixar o bebê em segundo plano seria negligência por parte da mãe.

[...]a falta de empatia por parte de colegas de turma foi um aspecto muito difícil até eu conseguir me inserir em um grupo de trabalhos com histórias de vida parecidas com a minha [...] Mas quanto aos professores, nunca tive problemas, sempre se mostraram prestativos e compreensivos. E quando me encontrei com esse grupo, as coisas foram ficando mais fáceis, por que elas conseguiam entender a minha realidade” (PÉROLA).

No dizer de Pérola, percebo um descontentamento em relação ao acolhimento e falta de empatia por parte de alguns colegas de turma ao mencionar que precisava de um grupo de trabalho com histórias parecidas, que principalmente compreendessem as suas demandas diárias. Afirma que sempre recebeu um bom atendimento por parte dos docentes universitários, posto que sempre estavam dispostos a compreender e ajudá-la.

Freire discorre acerca do papel do educador na formação do indivíduo, ao discutir que o professor sempre deixará marcas na vida dos discentes, a partir das relações e experiências em sala de aula e ao levar em consideração as atitudes e reações do professor, seja ele autoritário, compreensível, amante da vida e das pessoas, sensível, insensível, sério, silenciado, entusiasmado, alegre, estressado, burocrático. Certamente Pérola teve boas experiências com os docentes que lecionaram em sua trajetória acadêmica, pois em suas condutas se apoiam na empatia, respeito, compreensão e na quebra de autoritarismos ao ser sensível e compreender a realidade dos alunos.

Quem é mãe sabe o peso que a maternidade trás, não se trata apenas de responsabilidades, é um conjunto de demandas que você só consegue entender se passar por isso. Eu fico sobrecarregada, cansada e exausta, [...] nos primeiros meses depois que o bebê nasceu, eu só me arrastava, só conseguia chegar na

faculdade, porque tem bebês que trocam o dia pela noite, e mesmo sem não conseguir dormir, no outro dia preciso estar na faculdade porque tem uma quantidade mínima de faltas que preciso manter, tem os trabalhos para cumprir e isso não pode parar se eu quiser continuar. (CRISTAL)

A fala de Cristal evidencia o cansaço e a exaustão devido ao desgaste físico advindo da rotina em ser mãe e ao mesmo tempo estudante universitária. Ademais, especificamente nos primeiros meses após o nascimento do bebê comenta que devido às dormidas imprevisíveis do bebê, precisava passar a noite acordada e mesmo com todo esse cansaço físico e mental conseguia chegar à faculdade, levando a acreditar que assistia boa parte das aulas cansada e com sono precisando se manter presente nas aulas para evitar uma possível reprovação devido ao número de faltas estabelecido pela faculdade. Sobre esse contexto Neder (2016, p. 117) revela o seu testemunho:

Escrever sobre a maternidade em primeira pessoa é antes de tudo, proceder à minha evisceração, destrenhando a maternidade da minha experiência comum, banal, pois é disso que a maternidade é feita, do dia a dia, dos pequenos acontecimentos, do trivial simples, das imensas alegrias de um convívio que se repete durante anos na monotonia de um ritual, e não dos grandes “traumas” e infortúnios, dos fatos espetaculares ou surpreendentes que mudam o curso de muitas vidas e alimentam romances. A maternidade concreta, não pisa no tapete vermelho. Não, ser mãe não é isso. E se há alegrias gigantescas, como tristezas e decepções, elas se dão muito mais, eu ousaria dizer, no interior dos personagens do que em fatos feitos grandiosos.

O testemunho de Neder acima revela o quanto à visão de maternidade e obrigações destinadas às mulheres são compreendidas pela sociedade contemporânea, em que a mídia repassa apenas o lado belo e encantador da maternidade, sendo que não considera os desejos e o bem-estar maternal. Logo a sociedade define que a mulher precisa garantir perfeição em ser mãe, esposa e dona de casa.

2.3 Rede de apoio

Para nós mães estudantes, ter com quem contar no processo de gestação e pós-gestação, nos cuidados com o bebê é um suporte maravilhoso. Acredito que todas as mães, independente de classe social necessitam de uma rede de apoio, nem que seja pequena. Primordialmente aquelas que precisam conciliar os estudos com o materno. A presença da família, do conjugue e da universidade é essencial para garantir a permanência dessas mulheres na universidade.

Sempre falo que se não fosse por eles já teria desistido, pois meus pais e meus sogros sempre fizeram de tudo para eu não desistir [...] quando engravidei da primeira filha

adquiri depressão pós-parto, fiquei tratando durante um ano, [...] foi que engravidei de novo e continuei tratando com psicólogo e psiquiatra para quando fosse no próximo pós-parto eu não piorasse. O que mais tive foi rede de apoio familiar, eles ficam com minha sogra ou com a mamãe [...] E se não fosse a minha mãe ficar com eles de tarde, eu tiraria notas baixas nas provas (RUBI).

[...]tenho um grupo na faculdade que denominamos por quarteto. [...] elas disseram: não, a gente vai te ajudar, tu não vais trancar a faculdade, você vai conseguir te formar. [...] em casa também minha mãe sempre me deu total apoio e suporte e sempre que pode fica com o bebê [...] eu vejo como pessoas de luz na minha vida. [...] assim também como meu marido que me incentiva bastante [...] minha cirurgia doía muito, então era ele que ficava com o bebê de madrugada [...] ele sempre perguntava o que eu queria, se queria continuar, se queria parar e que ele estaria sempre disposto a me ajudar. (CRISTAL)

A partir dos relatos de Rubi e Cristal fica evidente a importância do apoio familiar, além de amigos que sempre estão dispostos a nos encorajar a não desistir dos estudos. Rubi por sua vez, garante que se não fosse esse apoio, não haveria possibilidade de ainda estar estudando, posto que além da sobrecarga característica da maioria das mulheres estudantes, também adquiriu depressão pós-parto, precisando de apoio psicológico. Pondera e agradece o apoio da sogra e de sua mãe que não medem esforços para cuidar dos bebês nos momentos em que precisa se ausentar para ir à faculdade. Cristal também ressalta que possui apoio familiar, especialmente da mãe e do esposo e que possui um da faculdade que a incentivam a não desistir, posto que sempre estarão dispostas a ajudá-la no que for necessário.

Eu não tive uma rede assim tão grande como gostaria de ter tido, mas tive pelo menos ajuda de minha sogra, minha irmã também veio de outra cidade para ficar comigo durante o pós-parto até eu completar a amamentação durante 6 meses. [...] Minha filha começou a estudar então antes de ir para a faculdade tinha que leva-la a escola, depois levar o bebê na minha sogra e ter que pegar 4 (quatro) ônibus por dia, foi muito difícil essa rotina, pensei várias as vezes em desistir, porque só quem passa sabe o que eu estou dizendo (PÉROLA).

Estou tendo um grande apoio do meu esposo, ele sempre esteve me apoiando, [...] as vezes quando precisava apresentar trabalho durante o período remoto e ele sempre ficava com o bebê. [...] com o retorno das aulas presenciais meu irmão veio para ajudar o meu esposo com o neném. [...] se eu morasse na mesma cidade que minha família, com certeza essa rede de apoio seria bem maior, mas por conta da universidade precisei sair da minha cidade natal. (JADE).

Nos relatos de Pérola e Jade há uma semelhança, ambas residem longe da família, distante de sua cidade Natal e por esse motivo não conseguem uma rede de apoio familiar maior para ajudar nos cuidados com os filhos e conseguirem estudar mais tranquilamente. Um tema que merece ser salientado é a preocupação de Pérola em amamentar seu bebê, exclusivamente com o leite materno até os 6 meses de idade, levando conta que não seria nada fácil pois uma pessoa teve que se locomover de outra cidade para ajudar nesse processo. Além

disso, Pérola relembra a correria de sua rotina, a dificuldade de locomoção pela necessidade de levar os filhos na escola ou na casa de sua sogra e logo após embarcar em dois ônibus para conseguir chegar à faculdade.

Para quem olha de fora até parece algo normal, uma situação que qualquer um poderia enfrentar, mas Pérola reitera que “só quem passa sabe o que estou dizendo”. Não é nada fácil ser mulher, mãe, dona de casa, esposa e estudante, temos que cumprir com todas essas obrigações ao mesmo tempo se quiser garantir um diploma e ter direto a uma profissão.

2.4 Descrições do sentimento de ser mãe

O sentimento materno sofreu mudanças no decorrer dos anos, a criança outrora era vista como um objeto apenas para realizar tarefas para os adultos. Outrossim, havia pouco afeto e apego da mãe em relação aos filhos devido ao contexto social vivenciado naquele momento, seja pela hierarquia ou pela possibilidade de morte prematura da criança ocasionada por doenças. Aqui descrevo os sentimentos de cada entrevistada, sob a perspectiva do que é ser mãe.

Para mim é um misto de emoções, tanto da fase do amor, carinho e gargalhadas, quanto dos estresses diários, ainda mais agora que minha filha mais velha está na fase da birra, do “não”, do “sai”, mas mesmo assim, fico olhando para ela e penso que tinha que ser assim mesmo, eu tinha que ser mãe, virei outra pessoa, tanto de maturidade como em responsabilidade, posso dizer que quando a gente vira mãe sente um amor que não se pode medir, de dar a vida pelos filhos. [...] A única definição que eu consigo colocar em ser mãe é amor. (RUBI)

[...] Mãe é uma palavra que não cabe no dicionário é um amor tão grande e infinito que não cabe no peito e quando tu vês o primeiro sorriso, fica pensando: “como que eu ainda tinha tanto amor para dar?” [...] ser mãe as vezes é deixar de lado aquilo que tu queria para dar algo para o filho. [...] (CRISTAL)

Os sentimentos de Rubi e Cristal revelam que ser tornar mãe é um misto de emoções, um amor que se torna inexplicável, mesmo assim em certos momentos, sentem estresses e o peso da responsabilidade em cuidar de um ser que é totalmente dependente da mãe. Rubi enfatiza que a maternidade, foi uma experiência que mudou o seu comportamento, no que se refere ao nível de maturidade. Cristal, por sua vez, questiona “como que eu ainda tinha tanto amor para dar?”. Esse questionamento reverbera que nós mulheres não nascemos prontas para ser mães, nós nos tornamos mães a partir da relação mãe e filho e de acordo com o contexto social no qual a mãe está inserida. Mas nem sempre é assim, existem mães que rejeitam seus filhos ou não conseguem sentir amor ou empatia, devido à fatos anteriores que servem de bloqueios para o nascimento de sentimentos ou por falta de condições financeiras.

Para mim ser mãe é pensar no meu filho antes mesmo de pensar em mim. [...] A prioridade sempre é eles, sempre estão acima das minhas vontades, as minhas decisões sempre estão alinhadas com eles. Me preocupo com o físico, com o emocional, com o espiritual e tudo que penso e faço tem haver com o bem estar deles (PÉROLA).

[...] assumir uma responsabilidade sobre um ser que nesse primeiro momento é totalmente dependente de você. [...] Por mais que você tenha milhares de questões para resolver, que seja universitária, dona de casa que seja mulher trabalhadora, mas tem que entender que em primeiro lugar sempre vai ser o seu filho. (JADE).

Nas falas de Pérola e Jade colocam os filhos em primeiro lugar. Logo, a vida, as decisões a serem tomadas dependem primeiramente do bem-estar dos filhos. Pérola menciona que ser mãe é se preocupar com o físico, emocional, espiritual e destaca que pensa e faz mais pelos filhos do que por si mesma. Jade enfatiza que a mulher pode ter variadas demandas no dia a dia, pode ser estudante, trabalhar e ser dona de casa, no entanto, sempre está priorizando o seu bebê.

Em todas as falas identificou-se que as entrevistadas sempre se expressam com muito carinho e amor pelos filhos, ao ponto de se colocarem abaixo dos filhos ao dizer que eles sempre estão acima de suas decisões e escolhas. No entanto, nós mulheres não precisamos demonstrar que somos mulheres com super poderes, as quais sempre devem dar conta de tudo, dado que também somos seres humanos, com vontades, desejos, cansaço e se por acaso nos abstermos por um segundo do materno ou ficar longe do filho por algumas horas para relaxar o corpo e a mente, não anulará o amor que sentimos por nossos filhos, tão pouco deixaremos de ser mães responsáveis ou menos mulher que as outras.

2.5 - Possíveis medidas de apoio das universidades.

Aqui, revela-se os anseios, sonhos e propostas dessas mães universitárias, no que se refere a possíveis medidas de apoio das universidades para garantir um melhor atendimento e garantia de permanência na universidade.

Uma boa ideia seria uma brinquedo-teca na Universidade. Iria ser muito bom. [...] Quando não desse para a minha família ficar com os dois, dava um jeito de levar e ficaria tranquila porque ficariam brincando sob a supervisão de um profissional e perto de mim também. (RUBI)

Na perspectiva de Rubi, que estuda em uma universidade privada, uma boa ideia seria a criação de uma brinquedo-teca com profissionais especializados para interagir e supervisionar as crianças no período em que ela estuda. Essa iniciativa ajudaria bastante,

posto que quando ninguém de sua família pudesse ficar com as crianças, teria outra opção para deixar seus filhos em segurança e evitar se ausentar das aulas.

Durante esse processo, a minha maior dificuldade foi o deslocamento e a parte financeira, eu grávida, as vezes me arriscava porque tinha que fazer um percurso longo para deixar minha filha na minha sogra. Gostaria de ter tido uma rede de apoio que pudesse deixar meus filhos e estudar tranquilamente, de estar lá sem ficar preocupada e sem ter que sair da faculdade sempre meia hora antes. Tenho certeza que a maioria das mães se sentiriam mais seguras e satisfeitas se tivesse um projeto dentro da faculdade em que elas pudessem deixar seus filhos em segurança. Eu queria muito que a universidade pensasse que ali também existem mulheres adultas, não somente jovens, mas mulheres com realidades econômicas diferentes uma das outras. Se tivesse na universidade um local, uma creche, um projeto, alguma coisa seria um sonho. A universidade não tem esse olhar para essas mães, pode ser porque o número não é significativo ou por conta da ausência de políticas públicas, só sei que realmente esse processo é doloroso para as mães que tem que deixar seus filhos com outras pessoas para poder ter o direito de estudar. (PÉROLA)

A partir das narrativas de Pérola fica evidente a sua árdua rotina e dificuldades para se locomover para a universidade e menciona que gostaria de ter tido uma rede de apoio maior, para facilitar sua rotina. Outrossim, trás uma crítica direta a universidade, ao dizer que ali também existem mulheres mães com realidades econômicas diversas e que necessitam de um olhar mais sensível, refletindo que a implementação de um projeto voltado para essas mães seria um sonho pois traria mais tranquilidade, diminuindo assim essa aflição em ter que deixar um filho recém-nascido em casa e conseqüentemente ter que sair mais cedo da faculdade.

[...] poderia existir um auxílio que pudesse ajudar essas mães a pagar alguém para ficar com os seus filhos ou também que a universidade criasse creches gratuitas que pegasse até mesmo os acadêmicos de pedagogia, como voluntários ou com estágio remunerado. [...] outra coisa também que talvez pudesse acontecer, fosse que se estendesse o período de licença maternidade, não para que ficasse sem frequentar as aulas, mas que fosse diferenciado, por exemplo se é 60 horas por disciplina, ficaria 30 horas presencial e o restante poderia ser remotas, com trabalhos para casa. [...] (JADE)

O relato de Jade revela uma realidade que muitas de nós mães que estudam na universidade pública temos em comum que é a falta de condições financeiras para contratar alguém para ficar com o bebê. Jade propõe a criação de um auxílio para ajudar no custeio do pagamento de uma babá, pois não possui uma rede familiar tão grande por seus familiares residem em outra cidade. Também questiona o tratamento no que tange ao atendimento domiciliar ou licença maternidade, propondo que esse período seja estendido, de modo que a

carga horária das disciplinas fosse dividida em presencial e remotas com trabalhos para serem realizados em casa.

Esta sugestão de Jade não depende de recursos financeiros e pode ser implementada nos projetos pedagógicos dos cursos pelos Conselhos das Faculdades ou mesmo pelos Conselhos Superiores das Universidades, na forma de Resolução, estendendo o direito a todas as estudantes universitárias mães em situação de gestação de risco e nos primeiros meses após o nascimento do bebê.

[...] A gente tem o auxílio creche e desde o início do curso tenho amigos que tentam conseguir os outros auxílios, como a permanência, a residência, mas nunca conseguiram. Acredito que seja algo muito complicado por conta da quantidade de bolsas ofertadas e pela grande demanda de pessoas que se inscrevem e por conta dessa dificuldade e por ter minha família para ficar com o bebê, então prefiro deixar essa bolsa para outra pessoa que necessita mais. [...] Não conseguiria trazer meu bebê para a faculdade porque não tem estrutura, ele não ficaria confortável e nem eu conseguiria aprender (CRISTAL).

Na fala de Cristal, podemos verificar a presença de diversos programas ofertados pela Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, como o auxílio permanência e auxílio creche, que por sua vez ajudam muitos graduandos no processo de formação, contudo, menciona que seus colegas de turma tentam e nunca conseguem este auxílio devido a uma grande fila de espera e concorrência. E ao observar essas dificuldades, ela prefere desistir de esperar pela bolsa e deixar essa oportunidade para outra mulher não tenha ninguém para ficar com o bebê durante sua presença na universidade. Além disso, comenta a falta de infraestrutura da universidade, e que por conta disso, não seria viável levar o bebê para a sala de aula, pois ele não se sentiria confortável e ocuparia sua atenção, prejudicando assim, o ensino e aprendizagem.

Diante de todas as narrativas compreendo como grandes desafios enfrentados por essas mães, que decidem insistir e lutar pelos estudos, mesmo sofrendo dificuldades inúmeras no dia a dia. Os desafios são diversos, desde a falta de rede de apoio, dificuldade de locomoção, cansaço físico e emocional, limitações no que tange a aspectos financeiros, falta de tempo para estudar, mas acima de tudo a dificuldade de conciliar todas essas demandas de estudos com os filhos e os afazeres de casa, o que promove uma sobrecarga imensurável, o que conseqüentemente afeta o desenvolvimento acadêmico.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito a autobiografia e análise de narrativas de cinco mães universitárias para buscar compreender os possíveis desafios na conciliação entre maternidade e vida acadêmica. Ao registrar as minhas vivências quanto mãe estudante do curso de Pedagogia da universidade Federal do Estado do Pará, Campus de Castanhal, foi possível refletir e repensar a minha própria realidade enquanto mulher, mãe e estudante que luta diariamente em um ato de resistência para garantir o meu lugar na sociedade.

Na pesquisa de campo, na escuta minuciosa e transcrição dos relatos, me percebia em cada memória recontada e por vezes parecia que estava ouvindo a minha própria história. Então percebi que nesta caminhada não estou sozinha, que existem ao meu lado, na mesma universidade, diversas mulheres que vivem os mesmos desafios. Nesse caso, o referido trabalho foi uma oportunidade de dar voz a essas mulheres para reivindicarem seus direitos e melhoria na condição de mãe estudante, na intenção de propor medidas de apoio para amenizar o peso que a maternidade promove às mulheres.

Os resultados da pesquisa de campo apontaram que as mães universitárias sofrem com a falta de tempo para estudar, dificuldades em manter rotina de estudos e leituras, falta de apoio familiar, falta de recursos e projetos universitários para promover um maior acolhimento, desgaste físico e emocional, correia diária no tocante aos afazeres domésticos e deslocamento para a universidade. Portanto, todas essas situações propicia uma enorme sobrecarga em ter que conciliar todas essas demandas com a graduação e o ser mãe.

Mesmo diante de todos os obstáculos enfrentados por essas mães, o sonho e realização pessoal continuam e, por mais que venham os pensamentos de desistência, encontramos motivação nos nossos filhos para continuar nessa jornada firme e forte. O valor da rede de apoio familiar é imensurável, sem esse suporte é quase impossível permanecer no curso.

Abordar reflexivamente sobre tais desafios tem sido exatamente desconstruir uma maternidade historicamente idealizada pela sociedade, na qual sempre a prioridade é o lado belo de se tornar mãe, sem levar em consideração as emoções, sentimentos e as mudanças drásticas no corpo da mulher e no seu cotidiano. Até quando nós mulheres estaremos em

desvantagens frente a outras mulheres solteiras que não experimentaram a maternidade e por isso, possuem mais disposição e tempo para estudar?

Uma das maiores dificuldades no processo de elaboração dessa pesquisa foi em relação a carência de materiais que abordem sobre a temática em questão, foi um desafio imenso, e comprova o insuficiente debate teórico e institucional sobre as condições de atendimento as mães universitárias. Contudo, optei por não desistir da temática por expressar uma reafirmação da minha própria história de vida e de outras mulheres na mesma condição.

O meu sonho nesta etapa final é persistir para então conseguir o tão esperado diploma. Meu desejo é gerar orgulho nos meus pais que não tiveram oportunidade de estudo e também proporcionar uma vida melhor para meu filho, por ser meu bem maior.

Pretendo ser e me transformar a cada dia em uma profissional da educação que valorize e que respeite as diferenças, as limitações e singularidades de cada indivíduo. Sem dúvidas posso dizer que estou saindo do curso de Pedagogia com um olhar diferenciado, principalmente no que se refere a educação pública onde experienciei toda minha trajetória escolar. E foi nessa caminhada, especialmente na Universidade, onde comecei o exercício de reflexão sobre a minha realidade e ampliando a minha visão de mundo. Com esse trabalho, espero inspirar outras mulheres que se identificam com a minha trajetória, acreditarem em si mesmas, e nunca desistirem de sonhar.

Ao findar essa pesquisa, entendemos que o assunto relacionado a maternidade experimentada durante o percurso acadêmico ainda é pouco percebido pela sociedade em geral, nesse sentido, faz-se imprescindível que se desenvolva mais estudos, discussões e debates acerca da temática. Em suma, esperamos que esta pesquisa seja um fio condutor para fortalecer a representatividade dessas mulheres, e sobretudo, que sejam ampliadas as políticas públicas que visam amparar mães estudantes, para que por meio desse apoio as universidades possam garantir um melhor atendimento à essas mães.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Gislene Araújo. **Reflexões teórico- metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente.** IFRN. Colóquio internacional, educação, cidadania e exclusão: Didática e avaliação. Ceduce.
- ALVES, Caroline Stephanie Bastos. FERNANDES, Vanessa Martinhago Borges. MORAES, Bruna. **O ser mães experienciado durante processo de graduação, à luz da teoria humanística.** Trabalho de conclusão de curso. Palhoça, dezembro de 2019.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BADINTER, Elizabeth. **o conflito: a mulher e a mãe.** Tradução de Vera Lúcia dos reis. Rio de janeiro: Editora Record. 2011.
- BARBOSA, Palmas Luzia Feliciana. LIMA, Débora dos Santos Fonseca. SANTOS, Maria Dionísia Alves. **Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea.** UNA, Belo horizonte, 2021.
- BELO, Fábio Roberto Rodrigues. MIRANDA, Jhonatan Jeison. SANTOS, Mariana Rúbia Gonçalves. **Idealizações e prescrições psicanalíticas acerca da maternidade em Chodorow: um debate atual.** Artigo. Psicologia: ciências e profissão, v. 40. 2020.
- BRASI. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar/ Ministério da saúde , Secretaria de Atenção à saúde , Departamento de atenção básica. - cadernos de atenção básica, n. 23. Editora do Ministério da saúde, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo.** Sociedade e cultura, v. 10, n 1, jan/jun. 2007, p. 11- 27.
- CAVALCANTE, Gustava Bezerril. CHAGAS, Eduardo Ferreira. LUSTOSA, Francisca Geny. **Maternidade política: trajetórias de vida, educação e luta por direitos.** Revista dialectus. Outubro de 2020. p. 209- 236.
- CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa.** Universidade Federal de Uberlândia 201.
- CUNHA, Maria Izabel. **Conte-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** São Paulo. Vs.23. 1997.
- ERQUIAGA, Adele Maria. **Agradecimentos de estudantes mães nos trabalhos de conclusão do curso de pedagogia: uma análise cultural sobre maternidade.** Trabalho de conclusão de curso.Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato. MATURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentado por crianças com baixo desempenho escolar.** Psicologia: reflexão e crítica, porto alegre, v. 15, n 1, p 35-44, 2002.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar à vida acadêmica.** universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2020.

GUTMAN, Laura. **Mulheres visíveis, mães invisíveis.** 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

LARROSA, Jorge. Nietzsche e educação. Belo Horiznte: Autêntica, 2002.

LEAL, Fernanda Andrade. **Entre a mulher e a mãe: reflexões sobre a vulnerabilidade psíquica da mulher no pós- parto.** Universidade católica de Salvador. Programa de pesquisa e pós- graduação em família na sociedade contemporânea. Salvador-BA, 2017.

BARBOSA, Paloma Luzia. LIMA, Débora dos Santos Fonseca. SANTOS, Maria Dionísia Alves. **Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea.** Trabalho de conclusão de curso. Centro universitário UNA, curso de psicologia. Belo Horizonte, 2021.

MARINACI, Eliana Soares. **Estudantes mães e sua permanência no curso de pedagogia da faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.** TCCG. Goiânia. 2022.

MALDONADO, Maria tereza. **Psicologia da gravidez.** 16º edição, Editora Saraiva. Rio, 1996.

MONTEIRO, S. R. R.P. **O marco conceitual da vulnerabilidade social.** Revista sociedade em debate, 17 (2): 29- 40, julho, 2011.

NEDER, Márcia. **Os filhos da mãe: como viver a maternidade sem culpa e sem mito da perfeição.** Rio de janeiro: casa da palavra, 2016.

NÓVOA, Antônio. FINGER, Mathias. O método (auto)biográfico e a formação. Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. Coleção pesquisa (auto)biográfica e educação. Clássicos das histórias de vida.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **a pesquisa narrativa: uma introdução.** UFMG/CNPq/FAPEMIG.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à pratica educativa.** Paz e terra. Paz e terra. 25ª edição. São Paulo, 1996.

SAALFELD, Thaís. **Maternidade e vida acadêmica: limites e desafios das estudantes mães da Universidade Federal do Rio grande do Sul.** Programa de pós graduação em ciências. 2019

SILVA, A. J. N.; COSTA, R. R.; NASCIMENTO, A. M. R. **As implicações dos contextos de vulnerabilidade social no Desenvolvimento infanto-juvenil: da família à assistência social.** Pesquisas e Práticas psicossociais 14(2), São João del-Rei, abril-junho de 2019.

SILVA, Jaqueline Soares. **Formação de professores: Os desafios das mães universitárias no curso de pedagogia da UFRJ.** Monografia. Rio de Janeiro. 2019.

SILVESTRE, Débora Lameira. **Maternidade e vida acadêmica: Um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do campo da UFPA em Castanhal.** Trabalho de conclusão de curso. Castanhal- PA, Julho de 2019.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira, coord. **Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2007

TAUIL, Tatiana Ioussef. **Políticas públicas para mães universitárias: um estudo bibliográfico.** Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

VIANA, Catherine Alessa Maria de Novaes. **Educação e maternidade: Minha experiência como estudante- mãe no curso de pedagogia da universidade de Brasília.** 2016

VIEIRA, Ailane Costa. **Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática.** Universidade Federal do Pará, Campus universitário de Altamira. Faculdade de Pedagogia. 2018.

VIEIRA, Bárbara Daniel. PAZIROTTI, Ana Patrícia Alvez. **Alterações psicológicas decorrentes do período gravídico.** Unoesc e ciências. Joaçaba, v.4 , n. 1, p. 79- 90, 2013.

ZAGO, Paula Salete Casado. **Gravidez na graduação: um estudo crítico e necessário com estudantes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal da fronteira Sul, campus Erechim.** Trabalho de Conclusão de Curso. 2011.

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia.** Porto Madge (org). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia. Brasília: Conselho federal de psicologia, 2016. p. 103- 122.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou convidando o (a) Senhor (a) para participar desta entrevista organizada como parte da pesquisa que estou desenvolvendo para fins acadêmicos como trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Pedagogia, da UFPA- Campus Castanhal, sobre “MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: memórias e narrativas de mães universitárias”, que irá utilizar-se da pesquisa narrativa e descritiva, por meio da abordagem qualitativa com o intuito de conhecer as experiências de mulheres que se tornaram mães durante a graduação. O procedimento metodológico a ser utilizado para essa pesquisa será por meio da entrevista com perguntas abertas, cuja observação e registro será realizado pela estudante envolvida no projeto de pesquisa com a assessoria do professor orientador. A duração média da entrevista será de 30 (trinta) minutos. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração para participar desta pesquisa e para que a conversa seja gravada.

O (a) Senhor (a) tem o direito de não responder algumas das questões levantadas durante a conversa, ou de, a qualquer momento, interromper sua participação. Pode, inclusive, determinar que as informações que já tenham fornecido sejam excluídas da pesquisa. A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos direitos legais.

Esclarecemos ainda, que serão garantidos a confidencialidade e o seu anonimato.

Em caso de dúvidas, o (a) Senhor (a) pode tirá-las agora ou no decorrer da pesquisa com a pesquisadora responsável: Franciele Conceição da Silva (endereço: Rua João Salustiano de Souza, nº 201 B, Bairro Saudade II, Castanhal-PA, Cep: 68741-262. Telefone: 91 989148389.

Caso haja compreensão dos termos aqui esclarecidos, sinta-se à vontade para assinar o mesmo.

Eu _____, declaro que li as informações acima e concordo em participar como informante dessa pesquisa, por minha livre vontade. Minha contribuição será por meio concessão de entrevista. Também, autorizo a gravação das minhas falas.

Castanhal _____ / _____ /2022.

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA**PERFIL**

1- Idade: _____

3- Estado civil: _____

4- raça/ cor _____

5- curso: _____

6- quantos filhos? _____

7- renda familiar mensal:

 de 0 a 1 salário mínimo de 2 a 3 salários mínimos de 4 a 5 salários mínimos mais de 5 salários mínimos

CATEGORIA – MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: Memórias e narrativas de mães universitárias.

1. Conte- me sobre como foi descobrir a gravidez durante o contexto acadêmico.
2. Conte- me sobre os principais desafios ao conciliar o ser mãe e estudante universitária.
3. Conte- me sobre a rede de apoio na qual você se apoiou durante esse processo
4. Descreva sobre o que é ser mãe.
5. O que a universidade deveria promover para garantir a permanência e um melhor atendimento a essas mães universitárias